NOVELLAE OLIVARUM

ANO XVI NÚMERO 156 OUTUBRO 1958

O VALOR HUMANO E CRISTÃO DO CONFRONTO DE DIVERSOS PONTOS DE VISTA — João Rodrigues 244

A VIDA EM EQUIPA DENTRO DA COMUNIDADE CRISTÃ — Luís Manuel Moita 252

Apontamentos — OS IRMÃOS MISSIONÁRIOS DOS CAMPOS — António Serrão 257

ESTUDOS DOS PROBLEMAS DA ACÇÃO CATÓLICA — CURSO DE SINTRA — A. Rebelo Morais 265

Panorama — PARÓQUIAS URBANAS — A. António Correia 269

CRÓNICA — Diamantino Marques 271

Para que o povo cristão acompanhe Domingo a Domingo
a vinda do Deus Menino Novellæ Olivarum editou:

O MISTÉRIO DO SENHOR NO ADVENTO

Preço 2$50

Contendo celebrações uma para cada Domingo do Advento.
Edição muito própria para colocar nas mãos do povo.

Cânticos para o Advento em fichas musicais:

Ó Infante suavíssimo (em 2 versões)
Exultai Virgem Formosa
Ó Céus Rociai
Preço $30 cada ficha

Não precisa de comprar um livro com muitos cânticos.
Basta uma ficha com o cântico que vai utilizar!

NOVELLAE OLIVARUM

Director — FERNANDO MICAEL
Redactores — AVELINO PINTO — ANTÓNIO SERRÃO
Administradores — ANTÓNIO DOS REIS — JOÃO DO NASCIMENTO
Proprietário e Editor — ADALBERTO R. FONTES

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Tipografia - Escolas Profissionais Salesianas - Oficinas de S. José - Lisboa

MERCEDES-BENZ

AUTOMÓVEIS
com motor a gasolina
e diesel



CAMIÕES DIESEL
para todas as cargas

AUTOCARROS
DIESEL
para 33/35 41/43
lugares

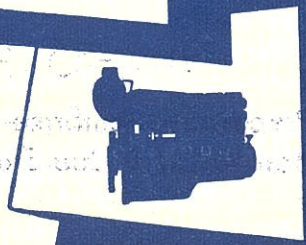




UNIMOG
tractor para todo o terreno, **para fins agrícolas e industriais**



MOTORES MARÍTIMOS
E INDUSTRIAIS
para todos os fins e aplicações



Representantes

C. SANTOS L.DA

LISBOA PORTO

ARTIGOS RELIGIOSOS PARA REVENDA E PROPAGANDA

Casa de S. José - Porto

(Fundada em 1896)

VISITAI ESTA CASA, APRECIAI O SEU SORTIDO E CONFRONTAI OS SEUS PREÇOS!
DESCONTOS ESPECIAIS PARA AS MISSÕES CATÓLICAS

168, Rua das Flores, 170 — Telefone: 2 28 86

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Exa. Revma. o Sr. Bispo do Porto

PORTO
RUA INFANTE D. HENRIQUE

LISBOA
ROSSIO, 93-2.º

SUA Santidade o Papa Pio XII, está profundamente ligado à revelação que de Deus recebemos na sua Igreja quantos abrimos os olhos para a vida nos últimos vinte anos.

Foi pela boca e coração de nossos pais que aprendemos a falar em Deus e a amá-lo como Pai, a Cristo como Irmão, a ter Maria por Mãe, a ver no Papa, Cristo vivo no meio de nós. Os nossos pais eram a Igreja que nos ensinava, que nos ia transformando em seus filhos conscientes. Uma das mais vivas imagens que a nossos olhos revelaram o sentido da Paternidade Divina, que nos fizeram sentir tudo o que contém a palavra Pai quando a referimos a Deus, foi a do Santo Padre de Roma. Ele tinha sobre nós a autoridade de um Pai, que excedia quanto a nossa imaginação era capaz de representar, e além dessa autoridade despertava em nós um amor, um respeito e uma veneração sem igual. Esse Papa que vimos com os nossos olhos de filhos dedicados, foi o Santo Padre Pio XII. A sua figura tão digna, graciosa, ascética, figura de pai e de pontífice, irradiando simpatia e atraindo-nos a si, levando-nos para Deus , era a figura do Papa. Pio XII era «o» Papa, o único Papa que então conhecíamos. Diziam nossos Pais que Sua Santidade era amigo das crianças, e nós ouvíamos que era nosso amigo; nós éramos crianças.

Tivemos um Papa que foi Pai. O Papa é sempre a fonte da vida na Igreja, ele está na vez de Cristo. O Papa é sempre um Pai, seja ele quem for, tenha as qualidades que tiver. Mas quando a esta paternidade e filiação da ordem espiritual e funcional se junta uma actividade tão paternal como foi a de Pio XII, a Santa Igreja sente-se particularmente edificada. Com maior razão, nós que nunca tivemos outro Papa, nós que só nestes últimos vinte anos abrimos os olhos para a vida, sentimos que somos seus filhos por um título novo, Pio XII é nosso; a Sua Santidade ficamos devendo muito do que somos, estamos ligados mais intimamente a esse Pai comum.

Pio XII ficou-nos como uma das recordações mais gratas da nossa infância, marcando-nos um caminho para Deus. Sua Santidade era o símbolo da Igreja e das coisas de Deus. Presente em casa nas conversas da família, presente na escola, nos jornais, na catequese. A parábola do Bom Pastor, tinha para nós uma concretização natural, nós conhecíamos esse Bom Pastor.

Com os anos fomos penetrando em todo o sentido da parábola, e no significado dessa vida. Percebemos então aquela presença constante de Pai que a todos transmite a palavra, a presença, o dom de Deus. Aprendemos a saborear a recordação da sua palavra em nossa língua de meninos, a venerar mais uma vez a sua pessoa,

nos seus legados: o Cardeal Masella, o Cardeal Tedeschini, o nosso Eminentíssimo Patriarca, foram presenças de Pio XII no meio de nós.

A pouco e pouco foram ganhando significado e perspectiva, alguns factos até então banais um deles foi a acção do Papa durante a guerra, tão humana que se pode até dizer cheia de ternura, tão sobrenatural que só um santo dela seria capaz, tão oportuna que do fundo do coração agradecíamos a Deus termos um Pastor com tamanho cuidado pelo rebanho. A gratidão pelo dom de tal Pastor, foi crescendo com os anos conforme fomos sentindo que ao descobrir a vida Sua Santidade não passava a ser recordação da nossa infância maravilhada, mas pelo contrário sempre íamos descobrindo mais riquezas, maiores provas de amor e de cuidado para recebermos. Sempre que nos lançávamos sobre qualquer problema lá íamos encontrar a orientação da Igreja, no momento oportuno, orientação incansável, competente, paternal.

Pio XII era o guia de cada hora, era o mestre. E foi-o cada vez mais. Tudo se foi esclarecendo em nosso espírito. Sua Santidade era o homem escolhido por Deus, que vivia a sua função de Papa com inteira fidelidade à missão que lhe fora confiada, ornado com dotes excepcionais postos integralmente ao serviço da Igreja. Um Papa que nos recebia de braços abertos, que falava connosco, que nos guiava e ensinava. Íamos penetrando no sentido da paternidade e agradecíamos cada vez mais a Deus que é fonte de toda a luz, de toda a santidade, de todo o bem, o Pontífice que tinha colocado à frente da Sua Igreja.

Um dos mais preciosos testemunhos para a nossa fé de adolescentes que pretendia ser vivida, estava sem dúvida na vida de oração. A maneira como a Igreja reza, como a comunidade em que estamos inseridos reza, o valor, a sinceridade, a oportunidade da oração, são valores que embora nem sempre consciencializados, nos atingem profundamente. A inesquecível Vigília Pascal, vivida pela primeira vez no meio da nossa adolescência, a restauração da Semana Santa, o acesso mais fácil e frequente à Santa Missa e à Sagrada Comunhão e tantas outras medidas do Sumo Pontífice são marcos miliários da nossa vida de relação com Deus. E que dizer da felicidade de já termos podido ser educados dentro do espírito da «Mediator Dei», dentro dum renovamento geral do espírito litúrgico? Sentimos talvez mais profundamente ainda, esta última Instrução de Sua Santidade sobre música sacra e a sagrada liturgia que nos ensinou como devemos participar na Santa Missa, satisfazendo e confirmando o que de há muito desejávamos.

Mas se nos serviu de farol a actividade de Pio XII na vida de oração, tornava-se necessário um guia seguro e experimentado que nos encaminhasse na procura intelectual de Deus e da vida de Deus. Também aqui, foi Sua Santidade um guia, guia que vai à frente a desvendar caminhos, a defender-nos dos perigos, a estimular o nosso trabalho. Assim nos estudos marialógicos, no tratado da Igreja, na Liturgia, defendeu-nos dos males de uma nova espécie de modernismo e precaveu-nos quanto a algumas tendências actuais. Na Teologia, na Filosofia, na Sagrada Escritura, a Sua palavra rasgou horizontes, e foi sempre palavra do Vigário de Cristo. Ao procurarmos uma atitude séria perante Deus e perante a Igreja, encontrávamo-nos com o Papa. Ele é a rocha.

Foi, porém, o problema da vocação e do valor da vida, que nestes anos maior

interesse despertou em nós, empenhando-nos totalmente na procura do sentido da nossa consagração a Deus e função na Igreja. E de facto, tivemos luz sobre os fins e natureza do matrimónio, sobre os seus problemas, sobre o seu lugar na vida da Igreja. Sabemos qual o sentido do Apóstolo leigo, o que significa a palavra apostolado, e vimos os leigos organizarem-se por todo o mundo cada vez com maior pujança. Mas também a Sagrada Virgindade, enaltecida pela palavra do Papa, brilhou a nossos olhos, fazendo realçar o valor da consagração a Deus. Encontramos um caminho apontado na vida dos Seminários e um ideal bem definido para a vida sacerdotal. Por toda a Igreja os religiosos se remoçaram; instituiram-se os Institutos Seculares; tomou-se cada vez mais a sério o ideal de consagração a Deus.

A justiça foi pregada, e a paz sempre enaltecida como seu primeiro fruto. Os problemas sociais e económicos, a educação e tudo quanto diz respeito à vida e actividade dos homens foram referidos à perspectiva de Deus. Vimos que a Igreja tem estado presente, e, graças a Deus, presente no seu lugar. Vimos a Igreja estimada, procurada, seguida.

Porém, estamos rodeados de imperfeições e amarga-nos o travo que tudo quanto é humano traz consigo. O descontentamento e o escândalo não podiam ser inteiramente banidos. Lançou Pio XII um movimento de renovação, ditado pela atitude cristã perante a vida, perante o mal; lançou-nos a trabalhar «para um mundo melhor».

Acima de tudo, se é que podemos falar em mais e menos, a Igreja redescobriu-se a si própria. Redescobriu-se cada vez mais como Missionária e convidou-se a si própria a ser generosa para com as Missões, a rezar com perseverança pelo regresso de todos os afastados, a recolher-se na humildade pedindo ao Senhor que a ressuscite a cada hora. Sentimo-nos a comunidade dos Filhos de Deus, a Esposa de Cristo, o Corpo unido à Cabeça, a videira alimentada por uma única seiva.

Foi deslumbrante esta revelação da Paternidade Divina. Deus serve-se dos homens para a todos nos encaminhar até junto de Si. O homem serve a Deus, desaparecendo na imensa grandeza divina. A burocracia, a rotina, o anquilosamento das estruturas receberam o maior desmentido, a maior prova de que a graça de Deus tudo vence. Aprendemos a confiar nos mais velhos que na sua fidelidade a Deus nos podem deslumbrar com a vida que ainda não vivemos. Foi bem fácil o primeiro encontro com a face humana da Igreja; é que Pio XII também era homem e mais homem que todos quantos nos poderiam fazer desanimar. Foi inteiramente Pai e Pontífice pela função e pela vida que viveu.

Faleceu o Santo Padre. Vivemos pela primeira vez a perenidade da rocha de Pedro para além da contingência dos homens. Fazemos um acto de fé em Deus que é fonte de toda a sabedoria, de toda a santidade, de todo o génio. Sabemos que a luz voltará a acender-se.

Deixando a pessoa do Pontífice Imortal, do «Pastor Angelicus», do fundo do coração agradecemos a Deus, Pai de toda a misericórdia, ter-nos dado uma «rocha» firme que permanece pelos séculos, como esteio da nossa fé, da fé da Sua Igreja. Sentimo-nos mais seus filhos, sentimo-nos mais unidos, numa só Igreja que ora para que o Senhor lhe dê um novo Pontífice.

O VALOR HUMANO E CRISTÃO

DO CONFRONTO DE DIVERSOS PONTOS DE VISTA

1. Para o cristão, todas as relações humanas devem ser vividas na caridade, e isto basta para que tenha sentido falar do valor cristão dos encontros dos homens. «Dou-vos um mandamento *novo,* que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei a vós».

2. Problema central segundo o Evangelho, este das relações entre os homens, importa ainda notar que o mesmo Evangelho o põe em termos de particular exigência:

O cristianismo apresenta-se como verdade única e necessária a toda a criatura, donde um princípio de rigidez objectiva, capaz de alicerçar o mais terrível fanatismo; mas ao mesmo tempo o cristianismo, ensinando o respeito mais absoluto da pessoa, condena de raiz sequer a tentativa de forçar a consciência de alguém.

Cada homem é uma pessoa livre, e só a sua liberdade pode dar sentido às opções. Ou, o que vem a dizer o mesmo, interessa que todos os homens vejam e aceitem a Verdade, mas ninguém pode dar esse passo por eles.

Guiar-nos-á neste ponto a meditação da atitude do Senhor para com Judas, que o ia trair, e portanto pecar.

Lembremo-nos, em primeiro lugar, que Jesus queria a salvação de Judas, que o amava como a discípulo querido: «*amigo,* a que vieste?»

Ora quando Judas começa a tramar a traição, o Senhor nem se desinteressa, nem o despreza, nem recorre a qualquer solução artificial do género de o afastar do teatro dos acontecimentos, e assim prevenir o pecado dele...

É uma atitude muito mais serena e simples, mas sobretudo muito mais de molde a respeitar a liberdade dele: o Senhor rodeia-o de amor e confiança, *e espera que ele escolha.*

3. Mas estas reflexões são apenas uma «abertura». Antes de as explanar, eu queria chamar a atenção para outro ponto, de si menos profundo, mas de que dependerá grande parte da discussão.

E é ele a necessidade de nos persuadirmos de que *não* temos a solução definitiva e eterna de todas as coisas.

Parece talvez de La Palisse; mas é fácil observar que temos todos a tendência a extrapolar as certezas.

Afizemo-nos a encarar a vida sob a luz serena da fé, a reflexão de Deus tornou-nos vizinhos do absoluto e do imutável. Não confundimos plano natural e plano revelado; mas verificamos com contentamento a continuidade das soluções.

Não sei se por isto tudo, admitimos sem custo como «allant de soi» que cada problema admite uma só resposta, e que esta, uma vez encontrada, é não só única como definitiva.

Acrescente-se agora a tentação de supor que a nossa opinião é sem dúvida a verdadeira, e temos todas as componentes necessárias a uma auto-suficiência que só descerá do seu pedestal para ter mercê da ignorância ou da cegueira do próximo.

Penso por isso que vale a pena gastar uns momentos a reflectir sobre este problema do conhecimento da realidade que nos envolve.

Neste mundo nós seremos sempre romeiros da verdade. É que as coisas são tão ricas que só Deus as pode conhecer tais como são. Nós, limitados que somos, cingimos a realidade, pelo raciocínio e pela experiência, sem nunca a esgotar por completo. Encontramo-nos perante o real em situação semelhante à de um fotógrafo que quisesse descrever um edifício com a sua máquina. Nenhuma fotografia descreverá exaustivamente tal construção. O artista pode multiplicar as chapas tiradas de ângulos diferentes. Todas elas serão imagens verdadeiras do edifício, nenhuma o descreverá tal como ele é.

De modo parecido, o nosso conhecimento cinge o real sem o esgotar por completo. Daí que seja indefinidamente perfectível, daí que o nosso saber experimental, científico, filosófico e até teológico não possa, em nenhum capítulo, considerar-se encerrado.

Vai longe o tempo em que um Lagrange, apesar do seu génio, se lamentava de que a Análise Superior estava quase explorada. Nestes últimos 50 anos a Física tem gradualmente perdido a ilusão de que conhecia os fundamentos dos fenómenos da Natureza. E a Filosofia contemporânea, ao debruçar-se sobre a historicidade do pensamento — da existência — humana, reconhece que nenhuma síntese é completa nem independente do homem e da maneira como se insere na vida e na história.

Perigará com isto a objectividade do conhecimento? Seria fácil mostrar que não. Dado porém que não estou a fazer filosofia, mas ùnicamente a aproveitar-me de afirmações filosóficas, passo em claro tal discussão.

Recordarei apenas dois pontos acentuados pelo pensamento contemporâneo e que me parece poderem interessar o nosso trabalho.

O primeiro é a ideia de que, do facto de nunca podermos cingir exaustivamente o real, resulta a possibilidade de mais de uma filosofia verdadeira.

Toda a filosofia é uma interpretação do real que arranca de intuições sobre as coisas e se organiza em função de determinadas linhas de força. Consideremos a Filosofia de S. Tomás, tal como a entendem os seus comentadores mais autorizados, e a de Escoto ou de Suarez.

Cada um destes três génios — não vem a ponto comparar as grandezas deles — parte de uma intuição muito profunda do mistério do ser. Mas como o ser é algo de tão rico que nenhum conceito humano o reproduz com exactidão exaustiva, *não* é em princípio absurdo que S. Tomás, Escoto e Suarez, olhando e falando

do ser, tenham tirado 3 chapas verdadeiras mas completamente diferentes — porque focadas de ângulos diversos. Se se tratasse de Matemática ou de Lógica o problema tornar-se-ia claro dando nomes diferentes aos conceitos de cada um destes filósofos. Mas trata-se de Filosofia, e isso não se deve fazer. Porque cada uma das 3 chapas é uma imagem verdadeira e complementar da mesma realidade que não se deixa exaurir.

A intuição que teve, cada um dos filósofos a vai explicar nas teses centrais das suas filosofias.

Pode portanto acontecer — como acontece — que essas teses não soem iguais. Como não têm grande parecença dois teoremas sobre triângulos, um da geometria de Rieman, outro da geometria de Euclides.

Na Matemática a questão resolve-se confessando que se trata de coisas diferentes. Na Física pode resolver-se tentando averiguar qual das 2 geometrias se adapta melhor ao real.

Na Filosofia, como digo, pode acontecer que ambas as teses sejam verdadeiras. Não há contradição lógica, porque os conceitos de «ser» de S. Tomás e de Escoto são formalmente diferentes. Podem ser ambos verdadeiros como pode ser verdadeiro afirmar sobre uma fotografia que o edifício é branco ou azul. O edifício pode ser branco deste ângulo e azul daquele outro.

O segundo ponto da Filosofia para que queria chamar a atenção é o seguinte: toda a Filosofia é uma síntese, uma tentativa de unificação.

O conhecimento de Deus é uno porque Deus tudo conhece no seu Verbo eterno e único. O homem conhece por conceitos parcelares, e sente a necessidade interior de os sistematizar. Mas essa sistematização, sem ser arbitrária, depende muito, quer da intuição inicial, quer das preocupações do pensador e do seu meio ambiente. Um médico ou um padre terão do problema do mal uma visão diferente da de um matemático que faz estatística sobre os desastres. Se o padre, o médico, e esse matemático forem filósofos, é natural que a tensão interior da sua atitude perante a vida oriente de modos diferentes as suas linhas de unificação.

Por que fui eu buscar isto tudo? Porque a vida é mais complexa que a Lógica, a Matemática ou a Física. Viver é fazer uma Filosofia. E se nós não tivermos compreendido que a complexidade das coisas torna possível haver atitudes e até afirmações diferentes, mas contudo válidas, não poderemos entender-nos com o próximo. Só nos entenderemos, quando muito, com os do nosso partido.

Insisto que não pretendo que toda a opinião é verdadeira. Limito-me a afirmar, mas isso afirmo-o, que opiniões aparentemente contrárias podem no fundo não o ser afinal. Ouço a alguém afirmar que a Deus se não chega por demonstração. Isto pode ser ou não ser heresia. É que o termo «demonstração» cobre tipos de raciocínio muito diversos e eu tenho de me inteirar sobre o significado que o termo tem no meu interlocutor para saber que pensar da afirmação dele. A algumas pessoas isto pode parecer rabulice. Mas creiam que não o é. Os poucos milhares de palavras que nós usamos na conversa do dia-a-dia não podem cobrir todos os conceitos; para mais, nem todas as pessoas leram o dicionário de Filosofia; finalmente cada grande corrente de pensamento dá um cunho novo às palavras.

Evidentemente que ao falarmos e sobretudo ao escrevermos devemos ter o maior cuidado em não aumentar os problemas de linguagem; mas isso não resolve o que está já feito.

4. Mais ainda, o próprio movimento da discussão pode criar dificuldades deste mesmo género.

Suponhamos que um de nós vai ao cinema com um grupo de amigos; a fita é mediana; mas no dia seguinte eles sustentam que se trata de uma obra de génio. É inevitável que a nossa apreciação da fita vise sobretudo a apontar-lhe os defeitos, porque os nossos interlocutores se colocaram fora da escala. E reagiríamos ao contrário se eles dissessem que a fita era do pior que se consegue ver.

Mas mesmo para além destas reacções de compensação, é natural que duas pessoas diferentes não julguem de modo absolutamente igual uma obra de arte. Obra de arte, ela é um sonho de beleza traduzido numa matéria. Mas porque o artista era finito, ela só é parcialmente bela. Dependerá do ponto de vista, da cultura, até do estado de alma daquele que a contempla, a exigência e portanto saber se sim ou não satisfaz.

Note-se que tudo isto que disse não pode servir como defesa do cepticismo ou do relativismo. Pelo contrário, as minhas afirmações só têm sentido em função da afirmação da Verdade. As chapas que o fotógrafo tira de ângulos diversos são verdadeiras, são imagens que nos esclarecem sem perigo sobre o real. O perigo que havia, e foi contra ele que me esforcei por lutar, era acreditar que não há mais nada no edifício do que aquilo que nos revela uma determinada fotografia. Seria isso esquecer que só Deus conhece as coisas tais como são e que nós, até à visão celeste, vamos conhecendo com verdade, mas cada vez com profundidade maior.

5. Igualmente inválido seria concluir que, dado que cada pessoa tem a *sua* visão do mundo, não haverá mais que sofrê-la, sem procurar discutir.

É meu objectivo, pelo contrário, sustentar que duas pessoas se podem sempre entender, desde que se coloquem em condições para isso. Desde que sejam válidas, duas concepções diferentes podem sempre entrar em diálogo e entender-se precisamente por serem moldadas sobre o mesmo real.

É apenas necessário que cada um dos que discutem (ou ao menos um deles) entre no diálogo com humildade e confiança. Humildade que resulta da reflexão de que, dado que somos finitos, podemos ter opiniões diferentes mas válidas, desde que complementares ou expressas em linguagens diferentes.

Impõe-se então um trabalho de tradução, ou de visão mais de alto.

Muitas vezes haverá apenas que traduzir: isso acontece quando só as linguagens são no fundo diferentes. A Física moderna oferece-nos exemplos destes, de teorias, desenvolvidas segundo aparelhos matemáticos distintos, mas equivalentes afinal.

Outras vezes haverá que ir mais longe, e reconhecer que a diferença se situa no facto de se abordar o real por ângulos diferentes. Haverá então que procurar, ou ter uma perspectiva mais vasta que abranja ambos os ângulos, ou ter simplesmente a humildade de ir ver a questão por ambos os lados. Pode agora perguntar-se se não será sempre possível fundir dois sistemas num outro mais vasto. No campo da Física, isso tem sucedido. Mesmo no campo da Filosofia, isso não parece

pròpriamente absurdo, visto que Deus tudo conhece num Verbo único. Mas na prática, a limitação da nossa inteligência vai obrigar-nos as mais das vezes a confessar a nossa impotência e a aceitar, singelamente, que tenhamos de ir espreitar deste vértice e daquele.

Disse que era preciso humildade e também confiança. Porque este encontro não se faz sem esforço, e pioneiro sem esperança é homem condenado a fracasso.

6. Penso que pode já concluir-se qual o valor humano e cristão da troca de pontos de vista:

a) Olhando para o resultado, tal encontro serve o amor por servir a verdade. Entrando em contacto com as ideias dos outros, eu posso corrigir erros, meus ou deles, e alargar perspectivas: alargá-las em 1.º lugar recebendo ou comunicando coisas que até então ignorávamos; alargá-las ainda ao contacto de perspectivas diferentes, que me estimulam à crítica dos vários pontos de vista e a uma síntese mais poderosa; alargar enfim a alma no reconhecer dos limites e imperfeição do meu próprio saber, e na disponibilidade que alcanço para ver os problemas de ângulos diferentes.

Este alargamento está em condições de servir o amor: é conhecendo o meu próximo, é encontrando um horizonte comum, que melhor o posso amar, que me sinto impelido a amá-lo. Enfim, uma atitude de verdade e generosidade para com as criaturas, é caminho directo para Deus.

Amar os homens na luz de Deus é para nós caridade. Mas a nossa própria inteligência se vai simplificando e tendendo para Ele desta maneira: porque a humildade perante o real e o hábito de encarar as coisas segundo os seus eixos diferentes, longe de dividir, unifica.

Para o génio especulativo é condição prévia da síntese. Mas em todo o homem vai caldear uma síntese vivida. Não é por outra razão que a Igreja pode aplicar aos seus santos aquelas palavras da Sag. Escritura: «Deu-lhes o Senhor um coração vasto, como as areias que rodeiam os oceanos». Por esta largueza o santo é capaz de entender os homens vivendo só para Deus.

b) Isto nos leva a considerar que o encontro entre homens vale não apenas — nem sei se principalmente — pelo resultado em perspectiva, como — e talvez principalmente —, pelo próprio fazer-se. Porque caminhar para o encontro é já amar.

7. Vale portanto a pena reflectir um pouco mais sobre o caminho.

Antes de tudo, importa dizer que é preciso «querer encontrar». Se há atitude oposta ao Evangelho, mais ainda que o ódio, é o desdém, pior ainda, o desinteresse. Desdenhar é pior do que odiar no sentido em que é rebaixar alguém à categoria de coisa.

«Dou-vos um mandamento novo...» Desinteressar-se das pessoas é portanto não só menos conveniente à dignidade daquele que o pensa, como contrário ao mandamento da caridade.

8. A segunda coisa que importa vincar é que tal amor, com ser real e operante, não pode ser «possessivo».

Disse já — foi mesmo uma das posições de partida — que o zelo pela conversão do próximo à verdade não deve induzir-nos a cercear a liberdade dele. Retomo agora a questão. Nem o zelo, nem o amor.

Mostra a experiência que todo aquele que dá ou ensina pode ser tentado a considerar o «outro» como menor. Como alguém que precisa de amparo. Como alguém que precisa da pessoa que o guia.

No fundo, é muitas vezes o contrário. É aquele que esclarece ou ajuda que precisa ter quem o ouça. Outras vezes, é certo que seria injusto fazer tal censura. Mas há sempre que censurar o erro que representa ensinar, auxiliar, ou até discutir com alguém num plano de superioridade pessoal.

Importa compreender que os homens não se podem convencer e a fortiori converter por fora, mas só por dentro. Quer dizer: de nada vale levá-los a praticar determinada atitude ou doutrina, se essa atitude ou doutrina não foi assumida em plena liberdade por eles.

De nada vale, em 1.º lugar porque só as decisões tomadas na liberdade têm autêntico valor humano ou cristão; em 2.º lugar, porque toda a construção feita dessa maneira está construída na areia: bastam mudar as condições exteriores, para ruir; em 3.º lugar ainda, porque tratar adolescentes ou adultos dessa maneira é tentar prolongar neles uma atitude infantil. Quando o grande problema é procurar conduzir todos os homens à sua plena maturidade, isto é, a serem capazes de julgar sobre uma situação concreta e tomar sobre ela uma atitude responsável...

Eu sei que é confortável verificar que todos os pobres da nossa conferência de S. Vicente de Paulo que viviam em mancebia estão agora casados. Mas tenhamos a certeza de que se isso foi conseguido «por fora», isto é, sem convicção e apenas para fazer jeito ou para não ter de aturar aqueles senhores, não fizemos obra de apostolado, nem sequer de elevação humana: fizemos moral a metro. Censura parecida se pode fazer àqueles directores espirituais que, a pretexto de desenvolver a obediência do dirigido, o mantêm afinal numa menoridade espiritual.

Entrar em «encontro» só será pois possível numa atitude de humildade e respeito, isto é, tendo presente que o «outro» é uma pessoa, uma liberdade, um alguém que é responsável.

Como notava no princípio, faz-nos bem meditar no respeito que Jesus mostrou sempre pela liberdade dos homens.

9. De quanto fica dito, podem tirar-se algumas conclusões quanto à maneira de discutir.

Falei já, posto que brevemente, da *caridade,* que se traduz aqui pelo interesse pela pessoa do outro como alguém que se pode e deve «encontrar», e do *respeito* pela liberdade dele: só neste respeito o tratamos como a *pessoa.*

Acrescento agora *uma atitude de esperança:* salvo o caso de defesa da fé ou do próximo, só interessa discutir com a esperança de chegar a um encontro. Trocar palavras doutra maneira é mais do que gastar tempo e vaidade, porque é alargar a trincheira que nos separa.

Penso por outro lado que a atitude da esperança, ao contrário da caridade, não está por completo na nossa mão.

Se é raro encontrar pessoas que discutam estando convencidas do contrário daquilo que afirmam, já é mais frequente encontrar quem defenda mais ou menos conscientemente uma atitude porque a tomou e dela tem dificuldade de sair.

Digo que nestas condições não interessa *discutir* (a menos que a defesa da fé o exija). Porque o adversário não se convencerá e só poderá endurecer na posição que firmou.

Nem sequer interessa discutir quando o «outro», sem querer pròpriamente «levar-nos», está a tentar enganar-se a si próprio, afarrando-se a razões ou desculpas em que ele próprio não encontra paz verdadeira.

É que nessas alturas não falamos a mesma língua. O que podemos e devemos fazer é tentar ajudar essa pessoa a olhar com serenidade para o fundo de si mesma: porque só uma conversão de vontade pode resolver o problema.

Cito a propósito o «Barrabás» de Gederhode: Judas arrepela-se e chora pedindo de rastos a misericórdia do Senhor: e vai dizendo, e repete depois a sua mulher, que é ele o desgraçado maior da História, porque lhe coube a missão terrível mas necessária de cumprir a traição prenunciada nas Escrituras.

E o Senhor guarda silêncio, porque esta atitude não é verdadeira.

O mesmo se verifica — quem não conhece histórias assim — em certas desavenças entre marido e mulher. Cada um sustenta que «a culpa é do outro» e não repara que *a culpa é dos dois*. E enquanto cada um não aceita a quota parte de responsabilidade que lhe cabe no desencontro, nada faz para construir.

É talvez assim o pecado contra o Espírito Santo...

Mas na maioria dos casos ás pessoas entram sinceramente na discussão.

Podem pensar o mesmo que nós, podem pensar coisa diferente. (Gastei alguns minutos a tentar mostrar que duas pessoas sérias podem dizer coisas diferentes sem estarem em desacordo real).

Há então que procurar pôr em comum pontos de vista. Porquê? Porque as pessoas são feitas para se encontrarem. «Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei a vós».

Como já notei, o primeiro passo para o amor é procurar o encontro. Porque o amor cristão é uma relação de pessoa a pessoa.

Vale pois sempre a pena... e é sempre possível, pois não há almas irredutíveis — pela razão de que todas podem entrar em diálogo com Deus.

Para isso, é preciso antes de mais *saber ouvir*. Sem atendermos e procurarmos entender tudo o que o outro diz não seremos capazes de julgar. O pior é que muitas vezes nos julgamos dispensados de ouvir por não admitirmos que opinião diferente da nossa possa merecer atenção.

Depois de saber ouvir, é preciso *saber respeitar* o que ouvimos. Todas as opiniões merecem, pelo facto de provirem de uma pessoa, a tentativa de as entendermos. (E volto aqui a lembrar que pode haver opiniões diferentes mas verdadeiras). E se é óbvio que a opinião é falsa ou absurda, há que respeitar e procurar entender a atitude ou posição que comandou tal ideia. Porque ninguém prossegue o erro como tal.

Enfim, entendido que seja, quanto em nós caiba, a posição da pessoa com quem falamos, há que procurar pôr em prática a teoria que há pouco expus, a saber:

tentar a tradução, ensaiar a síntese, ou ter a grandeza de alma e de vista de reconhecer que se trata de duas perspectivas complementares do real.

Em todo o caso, ainda aqui tenho uma palavra a acrescentar. Sempre que posslvel, convém que esse esforço não seja nosso apenas, nem basta que procuremos dar uma aparência do contrário: é de caridade verdadeira procurar caminhar a dois para a solução a atingir. No entanto, isto é difícil.

Devo ainda precisar uma «nuance» da aceitação de perspectivas diferentes. Deixei-a para agora, porque mais que qualquer outra, esta exige uma atitude de submissão ao real: e é ela o ser-se capaz de aceitar uma *opção* diferente da nossa sobre um valor. Para não me alongar em doutrina, apresento o modelo mais clássico: a vocação. Há valores que além da sua verdade e dignidade intrínseca estão para a pessoa numa situação de diálogo ou de encontro. Por eu ter feito voto de castidade não devo tornar-me incapaz de entender e a fortiori de admitir nos outros uma vocação de casamento.

Gostaria ainda de acrescentar que a boa discussão é, como consequência do que temos afirmado, aquela que ajuda a pessoa a pensar e a tomar ela mesma atitudes na liberdade, não aquela que se encaminha a reduzir argumentos ou a sugerir soluções concretas.

Termino lembrando que todo aquele que vem conversar connosco é credor da gratidão da nossa parte. Porque discutir é dar-nos, não só os seus argumentos, como a sua visão do mundo, que é na totalidade intoduzível em conceitos.

Essa visão do mundo é fruto da sua história de homem, de cristão porventura. Conversar com os homens é portanto não apenas entrar em contacto com o seu saber; mais do que isso, é aproveitar de toda a riqueza que o contacto com as coisas e os diálogos com os homens e sobretudo com Deus lhe puderam dar.

JOÃO RODRIGUES

A VIDA EM EQUIPA

DENTRO DA COMUNIDADE CRISTÃ

Estas páginas foram escritas na intenção de darem uma perspectiva teológica sobre o problema da vida duma equipa, integrada na Igreja, com o desejo de a servir como Ela quer ser servida.

Nesta ordem de ideias, nada de melhor havia a fazer do que começar por uma consideração mais ou menos genérica dos grandes traços da teologia do Corpo Místico, e depois duns breves apontamentos de carácter filosófico falar então das exigências da vida em comunidade, passando em seguida para o plano mais específico do trabalho duma equipa e da sua função no conjunto.

Se quisermos encontrar resumida numa frase toda a grandeza do mistério cristão e toda a profundidade da vida da Igreja, descobriremos que Cristo sintetizou nalgumas palavras esta grande realidade. Na sua Oração Sacerdotal dirigindo-se ao Pai, exclama: «Eu dei-lhes a glória que tu me deste, para que sejam um só, como Nós somos um só: Eu neles e Tu em Mim, para chegarem à perfeita unidade, a fim de que o mundo reconheça que Tu me enviaste e os amaste, como Me amaste a Mim» [1].

Cristo revela-se como enviado pelo Pai, como mensagem de Deus aos Homens, como comunicador da graça, da vida, da Plenitude que Ele mesmo recebera — «Eu dei-lhes a glória que Tu me deste».

Mas este movimento da acção salvífica, maravilhosamente complacente por parte de Deus, vai ter como consequência a presença da própria Trindade naquilo que de mais íntimo tem cada cristão. Assim, todos e cada um de nós ficamos profundamente vinculados a um mesmo e único centro vital, realizando-se a inserção do divino no humano, construindo-se a Igreja, que não é mais nem menos do que isto — por Cristo, Deus está todo em todos.

Portanto na Igreja os homens estão constituídos numa unidade divina, (notai bem que não é só união, mas unidade) segundo uma participação e à imagem da vida Trinitária — o facto de a Igreja ser simultâneamente una e católica encontra o seu fundamento último em Deus Uno e Trino, de que ela é o prolongamento: «Para que todos sejam um só, como Nós somos um só».

O filho da Igreja vê-se assim colocado frente a uma dupla dimensão: por um lado, verticalmente, há nele uma relação pessoal com Cristo; por outro, horizontal-

[1] (João, XVII, 22-23).

mente, ele permanece integrado na comunidade dos seus irmãos. E estes dois aspectos compenetram-se, ao ponto de serem indispensável e simultâneamente constitutivos da verdadeira atitude religiosa. Foi isto que Cristo exprimiu maravilhosamente ao dizer: «Eu neles e Tu em mim, para chegarem à perfeita unidade». Portanto nós somos um só, porque o Senhor vive em nós. Em última análise é esta relação de cada um de nós com Nosso Senhor Jesus Cristo que nos constitui em comunidade, em Igreja.

Mas se Cristo é, assim, tudo em nós, a nossa liberdade, porém, permanece paradoxalmente intacta, ao ponto de podermos responder «não», ao apelo divino. Isto prova suficientemente que o cristianismo não implica a abdicação da pessoa como tal, mas muito ao contrário deve-se concluir que é necessário manter o carácter de irredutibilidade da nossa pessoa, continuando embora identificados com Cristo. É o grande mistério da graça e da liberdade.

A Igreja surge-nos assim como a manifestação de Deus ao mundo, como o testemunho da presença do seu amor entre os homens, segundo a função de contemporalizar Cristo a cada geração — «a fim de que o mundo reconheça que Tu Me enviaste e os amaste como Me amaste a Mim».

De tudo isto, interessa-nos reter, por agora, que a nossa vida religiosa sintetiza um duplo aspecto de individualismo e de colectivismo, ou melhor, uma dupla atitude pessoal e comunitária. Foi esta realidade que Émile Mersch exprimiu muitíssimo bem quando disse: «É por ser membro de Cristo que o cristão está divinamente enraizado na vida interior de todos os outros. A união com todos é portanto qualquer coisa de interior, como Cristo; e a interioridade consigo mesmo, como este mesmo Cristo, é católica» [2].

Mas se o problema se põe assim na ordem sobrenatural, não é menos verdade que ele encontra ressonâncias profundas na constituição da natureza humana e disso se dá conta a nossa própria consciência psicológica. De facto, cada homem descobre que para além da realidade do seu «eu», há mil outras realidades, distintas e em certo sentido opostas àquela — surge assim o «eu» frente ao «não-eu», cada homem frente ao Absoluto, aos outros e às coisas, ou seja, a Deus, aos homens e ao mundo. Mas para além destas divergências, o homem reconhece igualmente a existência duma relação íntima e duma dependência muito profunda entre o «eu» e o «não-eu», dependência esta porventura mais patente em face dos outros homens. Descortina assim, para além do facto da individuação, o mistério da solidariedade (no sentido mais profundo do termo).

E a junção destes dois elementos verifica-se já nìtidamente no mais íntimo da nossa natureza, uma vez que a alma ao informar a matéria, integra o homem numa espécie; mas porque essa alma é espiritual a pessoa está acima da espécie. Por aqui vemos que o ser humano conserva para com a espécie relações a um tempo de imanência e de transcendência, pois que a pessoa se é por um lado, um ser em si, por si e para si (ou seja existente, vivo e consciente) constituindo portanto alguma coisa de absoluto, é também, por outro lado, um ser em estrita dependência tanto metafísica, como psicológica ou moral.

---

[2] Émile MERSCH, S. J. — *Morale et Corp Mystique* — 4.ª ed., pág. 173.

De resto, não se pense que é este o único aspecto paradoxal no interior da pessoa humana; simultâneamente espírito e corpo, o homem permanece constitutivamente ligado e desligado de espacio-temporalidade; sendo uma personalidade completa no plano metafísico, o homem deve, no entanto tender para se tornar cada vez mais pessoa, e isto porque ele, sendo livre, precisa de se tornar livre, sendo um existente, precisa de se construir. E estas oposições prolongam-se até ao mais fundo da nossa vida, onde o homem velho e o homem novo travam a luta interessante, que resulta da nossa solidariedade com o Primeiro e com o Segundo Adão.

Retomemos, porém, o aspecto que mais directamente nos interessa da existência, no homem, da dimensão *individualidade* e da dimensão *comunidade*. Já vimos que são como que duas linhas de força originadas na própria natureza humana, um pouco à maneira da planta, onde uma mesma força vital faz crescer os ramos para cima e as raízes para baixo.

Já vimos igualmente que também no nível sobrenatural o homem entra em contacto com Deus por uma relação de pessoa a pessoa e por uma relação na linha da comunidade eclesial.

Falta-nos explicitar o que é que concretamente realiza a síntese destes dois elementos, uma vez que eles só aparentemente são inconciliáveis. E de facto a sua conjugação é realizada num sentido muito profundo pela *personalidade*, uma vez que esta deve precisamente desenvolver-se tendo em conta as exigências da nossa natureza — a pessoa realiza-se como tal, na medida em que se possui e na medida em que se dá.

Deve, portanto tender a tornar-se presente a si mesma, a possuir uma esfera íntima que a distinga das outras, a alcançar a unidade no seu ser, pela subordinação das faculdades inferiores às superiores, pela harmonia da inteligência e da vontade; deve tender, numa palavra, a ser mais livre.

Mas se a liberdade nos introduz assim no centro da pessoa, essa liberdade tem, por sua vez, um centro — é o amor. A pessoa enriquece-se vincando a sua personalidade, em certo sentido, distinguindo-se dos outros, mas, em última análise, só o conseguirá saindo de si mesma e fazendo-se um dom.

Portanto, a pessoa será tanto mais «eu», quanto mais for ao encontro do «não-eu». O encontro, o diálogo, o amor, são assim condições indispensáveis da autêntica personalidade. É esta verdade que as modernas filosofias se empenham em apregoar, sobretudo na linha de Hegel, que a este respeito teve uma intuição luminosa. Para ele, a Ideia em si, primitivamente inconsciente, tenderia, segundo um processo dialéctico, a exteriorizar-se, para que, mediante essa realidade fora-de-si, se tornasse consciente. Teríamos então a Tese — «Ideia-em-si», a Antítese — «Ideia-fora-de-si», e a Síntese — «Ideia-em-si-e-para-si».

Foram sobretudo os existencialistas que retomaram este princípio e foi o seu pensamento que Albert Dondeyne expressou nestas palavras que me permito citar: «L'homme ne se réalise comme intériorité, comme conscience et liberté, bref, comme «pour soi», qu'en sortant en quelque sorte de soi, qu'en étant «auprès» des choses grâce à un contact vécu avec le monde et avec autrui. La conscience humaine est

essenciellement et originairement (...) ouverture sur l'autre-que-la-conscience: «sujet voué au monde» dira Merleau-Ponty, «appel d'être» dira Santre» [3].

Se tudo isto nos leva a concluir que, por um lado, a personalidade se desenvolve na medida em que se integra na comunidade, também poderemos afirmar que, recìprocamente, a comunidade só terá garantias de subsistir como tal, na medida em que respeitar as personalidades individuais. De facto, se a comunidade, que é um conjunto de pessoas, no sentido mais autêntico do termo, for despersonalizadora, falha na sua definição essencial e tende a transformar-se em «massa» — conjunto amorfo, volúvel, impessoal. Todos nós verificamos como as nossas sociedades contemporâneas caiem neste perigo, nas diversas formas de demagogia e de sugestão colectiva. Cumpre-nos consciencializar esta realidade, procurando por todos os meios a existência dum respeito mútuo entre a pessoa e a sociedade.

Neste sentido, a Igreja realiza perfeitamente a noção de comunidade, porquanto sendo todos os seus filhos um só em Cristo, cada um deles permanece com a sua personalidade própria e com a sua liberdade plena. E para compreendermos melhor este mistério do Cristo Total basta recordarmos a passagem de S. Paulo em I Cor. XII, 12 segs. «Da mesma maneira que o corpo é uno, tendo vários membros, e que todos os membros do corpo apesar da sua pluralidade não formam senão um só corpo, assim também é Cristo».

E o nosso esforço de identificação com o Cristo-pessoa pelo amor ao próximo, supõe indispensàvelmente um tríplice movimento de humildade (precisamos de nos despojar de nós mesmos), de pureza (precisamos de ver nas pessoas mais alguma coisa do que um simples objecto de conhecimento e de desejo) e de pobreza (se queremos amar as pessoas, temos de não amar as coisas). Assim conseguiremos aumentar a caridade, prolongar a graça, construir a Igreja.

E o que ainda é mais maravilhoso no meio disto tudo, é que a Igreja realiza uma nova síntese da comunidade ao plano pessoal: Ela é o Cristo Místico e portanto uma pessoa, uma «pessoa colectiva», se quisermos, o que não encontra nada de análogo na ordem natural e só a fé nos pode fazer descortinar tão grande mistério.

Procurámos até aqui conseguir uma visão muito cristã da comunidade, considerada sobretudo nas suas relações com a pessoa. Importa agora reflectir sobre o facto de a comunidade ser um organismo, vivo e vitalizador, que inclui grande diversidade de funções a realizar e que por isso mesmo implica a existência de pequenos núcleos que sejam como que órgãos realizadores dessas funções e a que normalmente chamamos equipas.

As equipas, portanto, seja qual for o seu género, são alguma coisa de indispensável dentro da estrutura social, uma vez que elas estão para a sociedade, como os órgãos estão para o organismo. Uma equipa poder-se-ia definir genèricamente, como um grupo de pessoas que se juntam, procurando um fim particular em vista do bem geral. Analisando brevemente esta definição, vemos que o primeiro elemento é um grupo de pessoas que se juntam, portanto pessoas que dialogam, que se amam e que se respeitam, tendo entre si um certo número de afinidades de várias

[3] Albert DONDEYNE — *Foi chrétienne et pensée contemporaine* — 2.ª ed., pág. 18.

ordens e que estão unidas numa mesma finalidade concreta. Esta finalidade concreta não é mais do que tender para realizar uma determinada função que, sendo de carácter particular e limitado deve contribuir para o bem de toda a sociedade. E o trabalho duma equipa tenderá de facto para o bem comum, na medida em que for muito a partir de dentro, pois só assim será relamente irradiante e expansivo.

Por outro lado, cada pessoa integrada numa equipa, embora vá ganhando competência ou mesmo especialização num determinado sector de actividade, nunca poderá prescindir de tudo o resto, nem desinteressar-se daquilo que ultrapassa o seu reduzido campo de trabalho.

Tudo isto é fundamentalmente um problema de equilíbrio, sempre indispensável para que a nossa visão da realidade não seja unilateral, nem se estreitem os nossos horizontes.

Do ponto de vista cristão, assume um novo interesse este trabalho em conjunto ao encontro da descoberta dos valores. Se Cristo é a Verdade Eterna, é também o fundamento da nossa possibilidade de conhecer valores: encontrando-nos com Cristo, encontrar-nos-emos com a Verdade e descobrindo a Verdade descobriremos Cristo. E isto tudo em comunidade, em Igreja.

LUÍS MANUEL MOITA

Apontamentos

OS IRMÃOS MISSIONÁRIOS DOS CAMPOS

Não há que negar: o hábito cinzento do Padre Épagneul causou uma certa curiosidade entre nós, seminaristas... Que Ordem era aquela? Quem seria aquele religioso, homem dos seus quarenta anos, alto, seco de carnes, sorriso fino nos lábios delgados e olhos brilhantes por trás das lentes de miopia?

Estas e outras perguntas semelhantes fazíamos nós uma manhã de Junho, exactamente no dia 11.

* * *

Quem se debruça, ainda que distraìdamente, sobre a situação dos homens que vivem no meio rural, não pode deixar de notar que, para a grande maioria deles, ela está longe de ser satisfatória, encarada que seja sob o ângulo social, cultural, económico, religioso ou outro qualquer.

Em certas regiões a propriedade está nas mãos de uns poucos para os quais muitos trabalham, percebendo um salário que frequentemente nem sequer atinge o «mínimo vital», sendo aliás absolutamente exacto que este mínimo é insuficiente para permitir a um homem ser Homem; noutras, porém, o que se verifica é que a fragmentação da propriedade a tornou incapaz de satisfazer as necessidades mais prementes. Em ambos os casos, a pobreza é muito grande e as populações rurais começam a sonhar com novos horizontes de vida.

Os valores intelectuais e culturais estão-lhes interditos, não por uma proibição estadual, é evidente!, mas por um desolador conjunto de circunstâncias adversas: falta de contactos humanos, falta de livros, falta de viagens, falta de quadros sociais adequados e falta de dinheiro; mais fundo ainda, falta de estruturas espirituais nas consciências dos indivíduos.

Dos poucos contactos que principia a ter com a «civilização», o rural retira precisamente o que nela há de mais fácil e menos nobre: se vai numa dessas incríveis excursões que percorrem o nosso país, do norte ao sul, na época calmosa, sem as mais elementares condições de higiene, instalações e comida, abre os olhos es-

pantados para ver bem as montras das lojas, a imoralidade dos vestidos das mulheres e os cartazes com anúncios, mal notando — como não seria assim?... — museus, catedrais, monumentos, tudo aquilo que só pode ser devidamente apreciado por sensibilidades cultivadas; a rádio faz chegar às aldeias mais sertanejas programas a abarotarem de música ligeira de gosto duvidoso, capazes no entanto de matarem lentamente o folclore nacional; *pick-ups* e alto-falantes são os instrumentos técnicos utilizados para os bailes de domingo, em certas localidades já vício enraizado; a subserviência na cópia desarazoada e canhestra dos trajos e costumes citadinos, sintomatiza abundantemente o desejo de mudança — desejo primário e ainda sem controle.

O homem recebe normalmente o divino por mãos humanas e em quadros humanos; ora a doutrina de Cristo foi-lhes em tempos pregada em condições económico-sociais de estabilidade e hierarquia; com a diminuição da pregação e dos outros múnus sacerdotais, com a reviravolta sofrida nos quadros em que viviam, operou-se também uma alteração (isto é, uma corrupção) nos conteúdos doutrinais e nas vivências espirituais das massas campesinas.

Daí que a pastoral de antanho se encontre em sérios embaraços para conservar a eficácia; daí que a Igreja, Mãe amorosa sempre preocupada com todos os seus filhos, em especial com os que vivem em circunstâncias mais difíceis, encare cuidadosamente tão graves problemas e dirija ao Céu preces ardentes para d'Ele receber os auxílios indispensáveis.

E o Espírito Santo que a Ela assiste infatigàvelmente, começa a fazer nascer entre os fiéis alguns que particularmente se dedicam à obra de revitalização cristã das zonas agrícolas.

O problema não é exclusivamente nacional, bem longe disso. A França, como nós e talvez mais do que nós, assiste ao êxodo das populações rurais em direcção às cidades, à transformação dos pequenos agricultores e cavadores de enxada em operários de fábricas que por todo o lado se encontram. A mesma ânsia de subir, o mesmo desejo de mudar, a mesma febre de prazer se nota, lá como cá, nas mais pequenas aldeias.

A cristandade diminui, as consciências relaxam-se, a tradição esvai-se e a doutrina perverte-se num amontoado de erros. Não há padres... E, se nada se fizer, dentro em pouco já não haverá fiéis...

* * *

Compreendendo a agudeza do problema, o P. Épagneul, que já pertenceu ao clero diocesano e aos dominicanos, fundou a Congregação Religiosa dos Irmãos Missionários dos Campos.

Esteve conosco durante dois dias. Na primeira tarde, reunidos todos num dos anfiteatros, dirigiu-nos as seguintes palavras:

— «Fala-vos um religioso francês; e é bem provável que, ao vê-lo pela primeira vez, vos tenha surpreendido o seu hábito de forma tradicional, é certo, mas com uma pouco vulgar cor cinzenta.

«Não conheceis ainda os Irmãos Missionários dos Campos? Mas, que admira?

«Foi apenas em Janeiro de 1943 que se me impôs a ideia de uma tal fundação quando, ao missionar as paróquias descristianizadas da região parisiense, vi de perto as suas imensas necessidades espirituais. Dez por cento de praticantes... E não era em toda a parte... Em suma, um punhado de fiéis num meio em que o Evangelho está longe de ser a luz que ilumina a vida familiar, a vida cívica ou profissional, em que as riquezas, postas por Cristo nas mãos dos seus padres, não são sequer procuradas, quanto mais utilizadas!

«Jamais esquecerei a pequenina aldeia de Cousson, onde tive de fazer doze baptismos no mesmo dia... E contudo ela mais não tem do que 160 habitantes...

«Poucos padres... Cada vez menos padres...

«Parecia-me que estava vago um lugar na Igreja para uma família de religiosos votada ao apostolado rural, pela vida inteira, sobretudo nas regiões pouco ou nada cristãs.

«Via inúmeras paróquias de aldeia esperar os mensageiros do Evangelho e sentia que elas estavam inteiramente dispostas a recebê-los.

«Não era possível que a ideia da fundação entrevista fosse lançada em vão. Há ainda muita generosidade em corações cristãos, tanta que não se podem deixar de provocar dedicações admiráveis quando se lhes acena com um belo trabalho a realizar para a glória de Deus e para o bem de seus filhos.

«A ideia foi lançada por altura da Páscoa de 43. Muitos a acolheram com entusiasmo. Alguns jovens, dois seminaristas «maiores» e um colegial, deixaram tudo e juntaram-se a mim. Em Setembro fixámo-nos os quatro no centro da rica planície de Brie, muito vizinha de Paris, em La Houssaye-en-Brie.

«O nosso gesto pode ter parecido temerário a alguns... 1943, era a guerra, a ocupação alemã... mas era também o momento em que o Senhor, que ninguém impede de realizar os seus propósitos, se agradou de suscitar diversas iniciativas missionárias, tais como a Missão de França, a Missão de Paris.

«A obra em que o P. Godin perguntava se a França era um país de missão, tinha aberto os olhos de muitos sobre as imensas necessidades espirituais dos grandes centros industriais; luz semelhante devia ser projectada dentro em breve sobre os campos franceses pelo P. Boulard nos seus «Problèmes Missionaires de la France rurale».

«A nossa empresa viria a ser abençoada do alto. Começada e sempre continuada numa pobreza total, jamais lhe faltou aquilo que o Senhor não recusa nem às aves do céu, nem aos lírios dos campos, e muito menos ainda aos que renunciam a tudo, mesmo a uma situação amada, que se arrancam à família, ao torrão natal para se fazerem mensageiros da Boa Nova.

«As adesões deviam chegar em número maior do que aquele com que se contava: este ano, os Irmãos Missionários dos Campos são já 125.

«A vida sobe... 125... Entre eles, 60 e tal são padres ou futuros padres, e mais 60 e tantos religiosos cuja vocação missionária ao serviço dos campos de França não é sacerdotal — são os Irmãos Auxiliares.

«Todos ouviram do alto o mesmo apelo a renunciar a tudo e a seguir Cristo, livres, na pobreza, na castidade e na obediência que Ele aconselhou para melhor se anunciar a Boa Nova que deve ser levada a todos os homens.

«Todos ouviram, igualmente, o grito dos campos que esperam operários para a messe.

«Em cada um, um mesmo ideal:

— unir-se, de corpo e alma, total e definitivamente aos rurais de França;

— participar inteiramente na vida de todos, sobretudo nas penas e dores que os afligem no corpo e no espírito;

— revelar a todos, sobretudo aos mais afastados de Cristo, aos menos evangelizados, aos mais pobres, aos menos considerados, os esplendores da mensagem cristã e fazê-los viver a cada um segundo o seu estado.

«A partir de 1949, formamos um instituto religioso que Sua Excia. Revma. o Senhor Bispo de Meaux reconheceu oficialmente em nome da Igreja. E já vem perto o tempo, assim o esperamos, em que inscreverá o nome das Irmãs dos Campos no fim da longa lista dos institutos de religiosas; as nossas Irmãs são agora perto de cinquenta, repartidas por quatro casas que, ficando na proximidade das casas dos Irmãos, são centros apostólicos complementares.

«São já 11 casas, 11 priorados que os Irmãos Missionários dos Campos estabeleceram em dioceses pouco cristãs e com falta de clero.

«O que é um Priorado? É uma pequena comunidade de 4 ou 5 Irmãos, padres ou Auxiliares, que se encarrega de um sector de várias paróquias e estende, sobretudo estenderá, o seu apostolado para as freguesias abandonadas, por actividades múltiplas, exigidas por uma pastoral eficiente dos campos: pregações diversas, secções da Acção Católica, educação sob maneiras diferentes, difusão da imprensa, etc...

«Que vos direi sobre o esforço apostólico dos nossos Irmãos que se encontram à frente de paróquias? É o de qualquer pároco, com a diferença de que as actividades apostólicas dos Irmãos Auxiliares aliviam as dos padres e as reforçam. Quantas coisas podem ser feitas por eles, sobretudo em paróquias pouco cristãs: catecismo, visitas, reuniões de oração em freguesias sem missa, acolitação nas cerimónias, preparação para a recepção dos sacramentos, ajudas aos Movimentos da Acção Católica, difusão da imprensa, etc.

«Quanto aos nossos apostolados que se estendem para lá das paróquias que nos foram confiadas, eis alguns: quase todos os nossos Priorados se ocupam de movimentos de Acção Católica num sector bastante grande. Num Priorado, um Irmão Auxiliar é responsável diocesano da Comissão rural de informação católica (Imprensa, Rádio, Cinema, Televisão); noutro, um Irmão padre realiza, no decorrer do ano, missões e pregações diversas, com o auxílio de Irmãos Auxiliares. Aqui, fixaram-se num local de peregrinações ou romagens, o que permite ao Priorado uma acção fecunda junto de muitos; além, abriram uma escola de agricultura para operários agrícolas. Por todo o lado, um enorme esforço para a difusão da imprensa católica; e eu penso no Irmão André que recebe, cada semana, 850 «Vie Catholique Illustrée»... 850 lares, dos quais poucos frequentam a Igreja, que todas as semanas são visitados por este Irmão ou por aqueles que o ajudam. Que obra magnífica! Vários Irmãos Auxiliares trabalham, pelo menos parte do tempo, em quintas por vezes afastadas dos seus Priorados, donde resulta uma acção benéfica muito espa-

lhada. Um Irmão Auxiliar exerce o seu apostolado junto dos trabalhadores rurais durante toda a sua vida, e logo outros começam a imitá-lo e a juntar-se a ele. Em todos os lados, Irmãos padres e Irmãos Auxiliares ajudam, de todo o seu coração, os padres vizinhos dos Priorados.

«Nos nossos diversos apostolados há uma estreita colaboração entre os Irmãos Padres e os Irmãos Auxiliares. Deus, na sua liberalidade, distribui os dons mais variados, que uns aos outros se completam. Todos os dias Lhe dou graças por ter dado a alguns rapazes, 3/4 dos quais são rurais, uma vocação maravilhosamente complementar da dos nossos Irmãos padres. Possuindo, habitualmente, um ofício que continuam a exercer, quer no Priorado, quer fora dele; tendo, em geral, uma formação idêntica à da quase totalidade dos que pretendemos evangelizar, são por isso, nos nossos campos, apóstolos preciosos e fecundos. Por tudo e por nada, é-lhes fácil fazer passar para todos a Mensagem evangélica e ajudá-los a viver segundo essa Mensagem.

«No fim de tudo isto, talvez continueis a achar que, para uma tarefa apostólica deste género, não valeria a pena ter fundado um instituto religioso... Pela minha parte, verifico todos os dias o interesse que apresenta a existência duma Ordem consagrada exclusivamente ao serviço dos campos, sobretudo dos menos cristãos. Em 1946, o Soberano Pontífice escrevia-nos, por Monsenhor Montini: «*Quem poderia negar, em presença da alarmante descristianização dos campos a oportunidade duma congregação que se dedica exclusivamente ao apostolado rural!?*», e o Cardeal Suhard saudava, na nova fundação, *um precioso instrumento ao serviço do Episcopado.* Jovens desejosos de vida religiosa e também de apostolado rural, sentiram-se felizes, ao entrarem na família dos Irmãos Missionários dos Campos, pela certeza que lhes é dada de estarem sempre ao serviço dos campos mais necessitados, numa instituição que lhes garantiu uma formação apropriada, uma vida em pequenas comunidades apostólicas, a colaboração tão frutuosa dos Irmãos padres e dos Irmãos Auxiliares, um justo equilíbrio de contemplação e de acção, sendo o Ofício divino para todos, e da maneira que é possível a apóstolos, a armadura do dia.

«É preciso ainda notar que os padres, em muito pequeno número em certas dioceses que já se não podem bastar, não faltam noutras. Em França existe 1 padre para 686 católicos e 137 não-católicos. O instituto dos Irmãos Missionários dos Campos irá contribuir, com a sua modesta quota parte, para fazer passar, para regiões desfavorecidas, os apóstolos vindos de outras profundamente cristãs. Não é verdade que, só na diocese de Luçon (Vendeia), existem 560 Seminaristas «menores» e perto de 200 Seminaristas «maiores» para uma população de 400.000 habitantes?

«Enfim, quem quer que abra os olhos sobre os campos da França observa com que rapidez estes campos, longo tempo estacionários, evoluem neste momento. Aí se manifesta uma transformação profunda nas maneiras de viver, de trabalhar e também de pensar. Pouco a pouco, forma-se um novo rosto e é preciso, para a glória de Deus e para o bem de cada qual, que este rosto seja cristão. Um instituto religioso

exclusivamente rural pode, em união com todos, leigos e padres seculares ou regulares, para isso trabalhar ùtilmente. É o que nós nos esforçamos por fazer...

«Fa-lo-emos, se assim o quiserdes, em união convosco que me ouvis e que de nós vos lembrareis, sobretudo na oração. E quem sabe se o Senhor não fará, graças à vossa prece, erguer noutros países para o seu serviço, uma fundação semelhante à que viu a luz, há 15 anos, em França? Os Irmãos Missionários dos Campos de França estão prontos a ajudar na sua empresa os Irmãos Missionários dos Campos de qualquer outra parte. Para já, o seu Prior Geral, contente por ter estado convosco, diz fraternalmente a cada um: *Paz e alegria em Cristo Jesus.*»

* * *

Abrangidos pela sombra acolhedora das tílias ou no quarto que lhe fora reservado, muitos de nós falámos particularmente com o P. Épagneul. Queríamos saber coisas... Por exemplo: — O que é preciso fazer para ser Irmão Missionário dos Campos?

A resposta foi esta:

Começa-se por um período de postulantado, aliás de duração desigual conforme se destine a futuros padres ou a irmãos auxiliares; neste último caso será mais longo — seis meses — enquanto os primeiros terão apenas um mês. Mas o tempo de noviciado é o mesmo para ambos os grupos — um ano. Seguem-se três anos de profissão temporária, findos os quais se faz a profissão perpétua.

— Mas, é claro, os estudos não serão os mesmos...

— *Com efeito. Os futuros padres seguem um curso de filosofia durante dois anos no Priorado de La Houssaye (Seine-et-Marne), e, terminados estes, dão entrada no Priorado de S. Sulpício (Oise) para frequentarem, por mais quatro anos, as lições de teologia dadas na Casa de Estudos dos Oratorianos, em Montsoult (Seine-et-Oise). Os Auxiliares têm habitualmente leituras, conferências, sessões... Têm ainda, por um ano, no Priorado Geral, um estágio de formação espiritual, pastoral e geral.*

— Pensam em novos métodos pastorais ou em novas celebrações litúrgicas?...

— *Já há muita gente a tratar disso... Nós aproveitaremos todas as úteis aquisições que se fazem presentemente nessas matérias, mas não pretendemos sermos nós os inventores. A nossa missão limita-se a pregar e a viver o Evangelho.*

— Têm, talvez, um tipo especial de espiritualidade...

O P. Épagneul sorria ao observar que estávamos à espera de alguma coisa francamente nova e revolucionária... E, em tom divertido e condescendente, respondeu:

— *Mas não! Os Irmãos vivem a espiritualidade mais comum da Igreja: piedade alimentada pela Escritura e pela Liturgia, e uma visão do mistério total de Cristo tal como a Igreja a tem, sem insistência particular sobre tal ou tal aspecto.*

— Que votos fazem?

A pergunta pareceu surpreendê-lo um pouco:

— *Mas... os três votos regulamentares, evidentemente! Pobreza, obediência e castidade.*

— Não pensou que um Instituto Secular pudesse ser mais vantajoso?

— *Com franqueza, não. A ideia, ao surgir-me, já trazia um hábito religioso... Mas acho que em muitas regiões talvez convenha uma obra sob essa forma. Como já disse ontem no anfiteatro, estamos dispostos a ajudar o mais que pudermos qualquer iniciativa semelhante à nossa.*

— Têm algum laço de dependência em relação aos Bispos ou aos Párocos?

— *O instituto não é de Direito Pontifício, mas Diocesano. Quando, em 1949, a Igreja reconheceu a fundação, foi Monsenhor Debray, na sua catedral de Meaux, que a erigiu canònicamente. No que toca aos Párocos, o único laço que nos une, e muito forte, é o de uma íntima e profunda colaboração no sentido de, conjuntamente, aumentarmos o Reino de Deus.*

— Falou-nos das Irmãs dos Campos...

— *Com a graça de Deus, hão-de vir a ser, e já hoje o são, as nossas mais preciosas auxiliares. A congregação tem o mesmo fim, o mesmo género de vida, o mesmo espírito. A oração tem um lugar primordial na vida das Irmãs; a primeira missão que elas têm, tal como os Irmãos, é rezar naquelas terras onde pouco ou nada se reza. De manhã, ao meio-dia e à noite recitam conjuntamente o Ofício divino, em francês, mas só rezam Matinas ao domingo e nas festas principais. A vida fraternal das Irmãs deve tender a fazer delas as melhores cristãs daquelas comunidades que o esforço apostólico dos Irmãos tenta fazer renascer. A sua missão é, antes de mais, uma missão de testemunho. Eis a razão por que não fundam obras sociais, mas apenas querem, misturadas intimamente ao meio rural de que fazem parte, levar aí uma vida evangélica. Ganham a sua vida com trabalhos agrícolas ou caseiros, muitas vezes como jornaleiras, fora dos Priorados. Participam na vida paroquial e no apostolado nas regiões rurais descristianizadas. Têm um postulantado de, pelo menos, seis meses, um noviciado de dezoito e, tal como os Irmãos, três anos de profissão temporária, antes da emissão dos votos perpétuos.*

A conversa ía longa, mas o P. Épagneul, com uma cativante disponibilidade, parecia não o notar. Muitas mais coisas lhe foram perguntadas, algumas sem interesse imediato para a Revista. A terminar as nossas recordações da conversa com o Prior Geral dos Irmãos Missionários dos Campos, diremos que os Patronos do instituto são: a SS. Virgem, S. Martinho e S. Paulo a quem pediram a sua bela divisa: INSTAURARE OMNIA IN CHRISTO.

* * *

Uma coisa nos faltava ainda saber. Por que teria vindo o P. Épagneul a Portugal?

Fomos procurar o Superior que nos fizera a apresentação do sacerdote francês, no anfiteatro: o Rev. P. Dr. Fernando Machado Maurício, professor de História da Igreja. Atendeu-nos com a sua habitual gentileza, pondo-nos imediatamente à vontade para lhe roubarmos algum do já pouquíssimo tempo de que dispõe...

Contou-nos que fora em Paris, no Instituto Católico, que travara conhecimento com um dos Irmãos Missionários dos Campos. Interessara-se bastante pela Obra e mais interessado ficara quando, na altura do Centenário de *Monsieur* Olier se encontrou, em S. Sulpício, com o P. Épagneul.

Este convidou-o a visitar a Casa-Mãe, o Priorado de S. Martinho, em La Houssaye, a cerca de cinquenta quilómetros de Paris.

Aí teve oportunidade de ver com os seus próprios olhos o trabalho do Instituto, bem como de receber completas elucidações sobre os principais pontos da vida interna da Congregação e do seu apostolado (que já ficaram descritas mais atrás). Do que viu, impressionou-o sobretudo a pujante vitalidade da Obra, consequência do zelo apostólico de cada um dos seus membros, bem preparados para a sua missão. Naquela manhã de domingo em que se encontrava em La Houssaye pôde observar o espectáculo animado e alegre da partida dos Irmãos para as Igrejas dos arredores, a fim de ajudarem aos serviços dominicais. Montados nas suas motos ou seguindo em pequenas «fourgonettes», deixavam transparecer o espírito sobrenatural que os possuía, a estes apóstolos do séc. XX, estuantes de vida e da alegria radiosa dos Filhos de Deus.

Na Casa reina um verdadeiro espírito de comunidade, de família e é isto sem dúvida o segredo da força desta jovem congregação: «Onde dois ou mais de vós estiverdes reunidos em meu nome...»

Era preciso dar a conhecer a Portugal o instituto dos Irmãos Missionários dos Campos! O país inteiro, mas especialmente certas dioceses, talvez encontrassem nele ideias para a solução dos gravíssimos problemas que enfrentam.

Aproveitando a feliz circunstância de Sua Eminência, o Senhor Cardeal Patriarca se encontrar em Orléans, para aí se dirigiram, o P. Épagneul e o nosso entrevistado, no dia 10 de Maio de 1956, pedindo para que o ilustre sacerdote francês fosse recomendado ao Episcopado português por Sua Eminência, de forma a garantir-lhe aquele conjunto de facilidades que tornassem mais útil a sua vinda ao nosso país.

Surgiram alguns contratempos e a vinda teve de ser adiada mas, removidos os obstáculos, tudo se arranjara e o P. Épagneul aqui estava entre nós, depois de ter passado ràpidamente por Portalegre.

Agradecemos e pedimos desculpa ao Dr. Fernando Machado Maurício do tempo que lhe tomáramos e, com o seu relato, fechámos a recolha de informações sobre os Irmãos Missionários dos Campos.

Queremos contudo pôr os nossos leitores ao corrente da direcção do instituto para o caso de a ele se quererem dirigir:

Frères Missionaires des Campagnes — La Houssaye-en-Brie (Seine-et-Marne) — Prieuré Général. Ou ainda: *Association des Amis des F. M. C., 244, rue de Rivoli, Paris (1er).*

Soeurs des Campagnes — Prieuré Général — Lumigny (Seine-et-Marne).

ANTÓNIO SERRÃO

ESTUDOS DOS PROBLEMAS DA ACÇÃO CATÓLICA

CURSO DE SINTRA (1 a 5 de Julho)

Depois de um período de excitação e nervosismo como é sempre o final de ano realizou-se pela 2.ª vez na encantadora Sintra um encontro entre os finalistas de Teologia para abordar os problemas mais actuais, respeitantes à Acção Católica do meio agrário e operário. Tomou também parte a equipa de estudos da A. C.

Com grande regozijo sacerdotes e leigos viram surgir o ano passado esta iniciativa, tão de louvar, em vista à preparação de futuros assistentes, agora já consoladora realidade.

A organização e direcção dos trabalhos é devida aos Rev.os Padres José Mendes Serrazina e António Jorge Martins, assistentes diocesanos, respectivamente, dos organismos agrários e da Joc, com a colaboração dos Rev.os Dr. Narciso Rodrigues, assistente-geral da Joc e Padre Aurélio Granada Escudeiro, assistente-geral da Lac, Jac e Jacf.

No dia 2 de Julho iniciaram-se os trabalhos com uma conferência pelo Rev. Dr. Narciso Rodrigues, subordinada ao tema: «O Assistente Jocista» — principais dificuldades no contacto com os jovens trabalhadores.

Falou em primeiro lugar das exigências do apostolado jocista em relação ao Assistente. Este apostolado, que não é fácil nem cómodo pede-nos: 1) um acto de confiança na pobreza dos jovens operários; 2) um apostolado nocturno. Dar-lhe as últimas horas do dia com a alegria da manhã; 3) uma grande persistência perante os seus fracassos e as suas faltas de vontade; 4) a caridade de Cristo que os irá fortalecer.

Aludiu, em seguida, aquilo que nós recebemos da Joc. Esta constitui verdadeiramente um sistema de trocas, um intercâmbio entre assistente e jovens trabalhadores a quem daremos a nossa cultura, o nosso sacerdócio, a nossa inquietação, a nossa angústia perante a sua miséria, os seus problemas.

Referiu-se ainda à tentação do padre em se identificar com as classes elevadas porque mais de acordo com a sua posição social, com a sua cultura; e a frieza no contacto com as classes humildes — atitude particularmente sensível ao operário.

Apresentou-nos depois um testemunho da sua experiência e maneira de actuar junto dos operários o Rev. Padre João Gonçalves, coadjutor de Alcântara.

A maneira simples e afável de tratar os operários, não resolvendo muitas vezes os seus problemas mas interessando-se sempre por todos eles, criará, sem dúvida, simpatia ao padre e inspirará confiança ao operário.

À tarde visitámos a colónia de férias da C.U.F. em Almoçageme. A ordem, a limpeza e os requintes de conforto eis as características mais salientes que se apresentam a alguém que em tom de visita percorra as suas instalações.

Aqui ouvimos com muito agrado o Rev. Padre Jorge versando o tema: «Natureza do movimento jocista» — dificuldades típicas deste movimento e a maneira mais profícua de actuação.

Meio imprescindível para a elevação dos jovens operários é a sua valorização pesoal através da confiança neles posta e das responsabilidades que lhe dermos. Devemos tratá-los como adultos e filhos de Deus com uma missão a cumprir.

A completar o tema exposto, em conversa amena, falaram-nos da sua experiência pastoral os Rev.os Padres José Carlos, pároco de Turquel e José Nunes do Casal, de S. João das Lampas.

Focou sobretudo o primeiro os males derivados de um cristianismo tradicional como é o de grande parte dos chamados católicos da sua freguesia e nomeadamente a falsa concepção dos sacramentos.

O segundo aludiu à indiferença do saloio perante qualquer actividade religiosa, consequência da materialidade de vida que levam.

Chegados a Sintra já nos aguardava para uma conferência de carácter mais prático o Sr. Manuel Chaparro (secretário-geral da Joc). Colocou diante dos nossos olhos numa visão panorâmica o trabalho já considerável realizado pela Joc portuguesa ao longo destes poucos anos de existência. Apresentou-nos também os problemas mais urgentes para os quais a Joc procura solução, em especial, o da Joc africana, limitada quase exclusivamente aos brancos.

Trabalham 18 secções em África e só uma — a de Luanda — com jocistas de cor.

Dia 3 — Novamente o Rev. Padre Jorge nos falou agora sobre «O papel do assistente jocista junto dos jovens operários».

Há alguns valores exclusivamente operários, a que o padre tem de ser sensível e dar uma orientação cristã.

As dificuldades na direcção de uma secção aparecem a todo o momento e para elas tem de haver muita compreensão da parte do assistente quer sejam o serviço militar ou o namoro, o estudo a que grande percentagem se entrega ou o problema da habitação, etc...

Na tarde desse mesmo dia saímos a visitar o Museu Arqueológico Regional de Odrinhas e a notável obra social empreendida pelo Sr. Padre Casal em S. João das Lampas onde trabalha coadjuvado por um dedicado grupo de 4 servas de Nossa Senhora de Fátima.

No salão paroquial ouvimos a lição feita pelo Sr. Padre Aurélio sobre «espiritualidade do assistente rural» e tudo o que a sua alma profundamente sacerdotal nos transmitiu.

No regresso tivemo a alegria de escutar uma lição de excepcional interesse sobre «o movimento de casais» feita pelo Sr. Engenheiro Vieira de Campos (da Direcção-

-Geral da Lac) e sua esposa D. Maria Helena Vieira de Campos (Direcção Diocesana da Licf).

Começaram por acentuar a importância e explicar o seu funcionamento não deixando de esclarecer a ligação íntima existente entre o movimento de casais e a Acção Católica, como complemento um do outro.

A Sra. D. Maria Helena expôs em linhas gerais alguns pontos da espiritualidade conjugal, uma das partes onde mais tem insistido o movimento com manifesto fruto para a vida cristã.

Dia 4 — De manhã, o Rev. Padre Serrazina veio falar-nos dum assunto marcadamente técnico: «Como fundar uma secção». Vincou a oportunidade, como condição indispensável de bom êxito no lançamento duma secção da Acção Católica e desceu depois aos pontos concretos. Sobre qual o sector a atingir primeiro não há uma regra uniforme. Genèricamente falando pode-se afirmar que é mais proveitoso começar por rapazes. Dentro do sector feminino haverá mais facilidade em trabalhar com mulheres porque se encontram já com os problemas sentimentais resolvidos e gozam de maior disponibilidade para a acção. Todavia, acrescentou, sempre que haja necessidade de começar pelos elementos femininos é preferível lançá-las a elas para a frente. O papel do pároco será então um pouco na sombra, mais de direcção no confessionário.

É de acrescentar, ainda, a importância capital na escolha dos primeiros elementos; quanto possível representantes das várias ocupações do meio a começar pelos mais evoluídos. E por fim não deixou de apontar os meios especiais de formação e atracção, adequados a cada sector.

À tarde de novo o Sr. Padre Aurélio no tema: «Espiritualidade dos leigos».

Torna-se manifesta a tentação de criarmos para os leigos uma espiritualidade desenraizada da vida pretendendo fazer deles piedosos seminaristas. Desenvolveu em contra partida os vários requisitos de uma espiritualidade verdadeiramente adaptada à sua mentalidade, segundo as suas ansiedades e aspirações.

É evidentemente insubstituível o assistente eclesiástico na condução duma espiritualidade leiga como formador, educador e guia.

A coroar este último dia de estudo estava prevista uma lição sobre o êxodo rural que, por impossibilidade de comparência do relator, não ouvimos. Este tempo foi preenchido com esclarecimento de dúvidas e troca de impressões.

O Revdo. Padre Serrazina orientou esta hora e explicou sumàriamente em que consiste e como funcionam as diversas reuniões, de direcção, de militantes, de grupo, gerais e de piedade. Esclareceu-nos sobre a posição do assistente nelas, precavendo-nos do duplo perigo de dirigismo ou alheamento.

A pedido de alguns, falou da Obra dos Soldados, da sua finalidade e do lugar que ocupa dentro da Acção Católica. Verificou-se a este propósito o papel preponderante do pároco na preparação dos rapazes que vão para a tropa, servindo-se para tal de conferências a todos os novos recrutas em conjunto, ou pela acção junto de cada um, se por acaso, são poucos.

Suscitou calorosa discussão o tema:

«Escutismo e Acção Católica». Mas a presença de elementos escutas e a competência em ambos os campos do Rev.º Assistente Diocesano conseguiu trazer luz aos espíritos e estabelecer inteiro acordo.

Escutismo e Acção Católica têm finalidades diferentes. Enquanto um tem como fim a formação pessoal do jovem, o outro (Acção Católica), visa directamente o apostolado pela acção.

O último dia foi ùnicamente para a elaboração das conclusões gerais.

Como este relato já vai longo apontarei apenas as que me pareceram de maior interesse para os leitores:

1.º — O nosso sacerdócio será valorizado e enriquecido na medida em que nos dermos aos outros.

2.º — Devemos confiar nos leigos, dar-lhes personalidade, autonomia: eles é que são os construtores da cidade terrestre e para tal têm graças de estado. Apesar disso o lugar do padre continua a ser fundamental .

3.º — Embora seja difícil trabalhar com o mundo operário, não temos direito a desconfiar; antes devemos aproveitar o que nele há de cristão e evangélico.

4.º — O movimento de casais é providencial mas não sendo bem entendido pode ser perigoso.

5.º — Não devemos fundar a Acção Católica à custa das outras associações. Lembremo-nos, porém, que a A. C. é, sem dúvida, hoje em Portugal a forma oficial do apostolado leigo.

Assim terminou o encontro de Sintra tão proveitoso e tão agradável para todos.

Ao acabar esta crónica queria formular um voto: que este curso de fim de ano sobre alguns problemas e aspectos pastorais da Acção Católica continui e se transforme em hábito para o futuro.

A. REBELO MORAIS

Panorama

PARÓQUIAS URBANAS

— Em Nouvelle Revue Théologique de Abril de 58, Fr. Houtart faz umas referências de carácter sociológico e pastoral sobre a paróquia urbana.

O artigo engloba dois pontos de reflexão.

I — A paróquia urbana e o problema social.

II — A paróquia urbana e os problemas de ordem pastoral.

1) *A paróquia é um facto social* — o que se depreende do conceito primeiro de paróquia apontado por Fr. Houtart. «Um grupo de pessoas partilhando das mesmas convicções e organizando-se em volta de valores religiosos bem definidos» e «há um facto social cada vez que há relações entre homens». Dá um breve apontamento sobre as circunstâncias que provocaram o aparecimento da paróquia — necessidades intrínsecas da comunidade cristã e organização da sociedade civil.

2) *A paróquia está em estreita dependência da evolução social.*

Constituída de homens como facto social que é, a paróquia está sujeita a todas as transformações e à evolução constante da humanidade.

Há dois aspectos básicos da relação entre a paróquia e a Sociedade:

a) A dupla dimensão — a dimensão geográfica, territorial, a das relações entre os homens enquanto ocupantes da terra — e a dimensão funcional, a das relações dos homens enquanto seres capazes de actividade inteligente. A especialização funcional veio estabelecer de certo modo a independência destas duas dimensões.

b) O outro aspecto surgido também da especialização funcional e dentro desta dimensão é a existência de meios sócio-culturais, que no fundo são inúmeras subdivisões de classes sociais, com toda a diversidade de cultura, mentalidade, maneira de ser e sentir.

Tem de haver um controle social que assegure a coerência de todos os meios sócio-culturais. Na aldeia a paróquia exercia (e vai ainda exercendo) essa função porque «é uma entidade não sòmente geográfica mas também sócio-cultural». O mesmo não acontece na cidade onde os problemas das diferenças sociais são mais complexos.

A paróquia na cidade tem de ser o centro de vida religiosa pelos sacramentos e o ponto de partida do apostolado funcional, servir-lhe de «base e receptáculo» e abrir as suas estruturas e a sua vida aos meios sócio-culturais que ela deve atingir.

Diríamos que a paróquia tem de ser uma base de operações dum apostolado que não se pode circunscrever aos limites territoriais mas se estende pelas classes sociais.

3) *A paróquia é um grupo social.*

Para que um grupo social tenha alguma consistência, é preciso que os seus membros tenham consciência de fazer parte do grupo para a obtenção dum fim comum e que sua acção se concretize numa certa institucionalização».

Consoante o grau de consciência tomado, assim se estabelece uma escala do valor dos indivíduos na constituição e coesão dum grupo social — e assim o pároco, os leigos responsáveis pelas organizações paroquiais e os membros dessas organizações constituem a grande força da constituição da paróquia; vêm depois os católicos praticantes como elementos de facto do grupo. Os outros, católicos ou não, que não tomam consciência da sua integração no grupo paroquial só fazem parte dele de direito.

É a coesão do grupo que tem de procurar a coerência dos meios sócio-culturais, apesar das dificuldades surgidas das leis sociológicas tendentes a individualizar os elementos de diferente condição social e cultural.

4) *A acção paroquial na civilização urbana.*

Tem de se tomar a paróquia na cidade como parte de um todo e não como um bloco independente.

É preciso ter em conta a realidade funcional.

Não se pode ignorar na dimensão geográfica a tendência de criar na cidade grupos mais ou menos definidos pela organização em bairros, zonas, etc.

São elementos a que se tem de olhar na acção pastoral. — É como realizar essa acção dentro da complexidade de problemas? Parece dever-se criar lugares de culto de zonas bastante limitadas — bairros etc., para poder haver vida comunitária.

O apostolado funcional, tendo como campo geográfico estas zonas limitadas, permanece num plano mais largo de zonas maiores. Haverá uma coordenação de acção com base no todo que é a cidade e trabalhando os padres, não fazendo cada qual tudo na sua paróquia limitada, mas estando cada um, ou por equipas, encarregados de uma das diferenciações do apostolado funcional na zona ou sector. Deste modo o mesmo problema procuraria resolver-se em largas zonas simultâneamente e com unidade de acção.

5) *A acção paroquial de hoje.*

Fr. Houtart resume como sugestão em 3 pontos a acção paroquial tendo em vista especialmente o meio operário.

a) Tomar consciência da realidade da situação paroquial para se poder trabalhar;

b) Empreender uma acção paroquial no meio sócio-cultural operário. Para isso, conhecer a fundo o meio operário, pelo contacto pessoal e íntimo;

c) Uma acção directa de tipo funcional deve também existir.

O movimento especializado tem de ultrapassar as fronteiras do bairro, do sector, e só o pode fazer pelo apostolado funcional.

A paróquia tem dimensões novas e só uma visão realista delas, permitirá a extensão do reino de Deus no meio operário e nos outros.

ANTÓNIO CORREIA

CRÓNICA

O dia 25 de Maio, despedida dos finalistas, decorreu num ambiente de grande familiaridade. Na Santa Missa os «Servidores» fizeram a sua oblação colectiva, e à tarde na sessão presidida por Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, exprimiram pela boca do Dr. João Afonso, os seus sentimentos de despedida. A representação do «Auto da História de Deus» de Gil Vicente, deu ao acto um tom de classicismo, e o facto de se ter realizado ao ar livre contribuiu para nos aproximar da época do autor. Como de costume a polifonia esteve presente.

Chegaram os exames, e no dia 29 começou a debandada. No dia 30 todos os filósofos e alguns teólogos, haviam partido. Os mais velhos ficaram ainda a contas com os exames, mas no dia 2 de Julho o Seminário ficava deserto, ainda que por poucos dias pois em breve se reanimou com os exercícios espirituais para Sacerdotes, que duraram até quase ao fim do mês.

Entretanto começaram os campos de férias. Um grupo de «Apóstolos» comandados pelos Senhores P. Fernando Brito e Dr. Lourenço partiram para Alhos Vedros continuar a obra do ano passado. Os escuteiros foram até à região de Alcobaça num acampamento a que tentaram dar, aliás com grande êxito, um certo carácter missionário. De volta todos estavam radiantes; foi um esplêndido treino para futuros trabalhos apostólicos. Para alguns os que passaram a finalistas, foi o último, pelo menos enquanto seminaristas, e estes diziam contentes: «Para acabar não podia ser melhor». Outro que ainda não é velho no campismo dizia: «O ano passado julgava que não podíamos fazer melhor, mas este ano fomos ainda mais além». A hospitalidade, e as atenções dispensadas pelas pessoas da região, a convivência com os operários do meio, os quais, por vezes com sacrifício do próprio descanso, buscavam no acampamento companhia amiga e tantos outros factores deixaram profundamente gravadas na alma dos nossos rapazes as mais gratas recordações. Muitas pessoas pediam aos campistas que lhes deixassem qualquer lembrança; por lá ficaram apitos, dezenas e outras coisas a recordar àquela gente o acampamento dos seminaristas dos Olivais. Este novo género de acampamentos recentemente instaurado no Seminário tem dado, pelos vistos, os melhores resultados.

No dia 8 de Agosto deram entrada no Seminário para iniciarem exercícios espirituais preparatórios das ordenações os que iam receber o Presbiterado, o Diaconado e Subdiaconado. No dia 11 chegaram também os que recebiam ordens menores e mais alguns que nada recebiam. Aos que já estavam em retiro juntaram nesse dia os de ordens menores e tonsura. Os restantes presentes foram no dia seguinte visitar os filósofos do II ano que desde o dia 1 se encontravam em Sintra, em agradável colónia de férias, dirigida pelo Senhor Dr. Fernando Maurício, e de Sintra foram acompanhados pelos visitados dar uma volta pelo chamado triângulo turístico após o que todos regressaram ao Seminário, ficando nesse mesmo dia à noite todos em retiro preparando o dia grande das ordenações. No dia 14 à noite procedeu-se à exposição do S. S. para a grande vigília. Durante toda a noite do nossa capela subiram ao céu as mais ardentes preces de modo particular pelos ordinandos.

Amanheceu enfim o dia 15, dia grande por ser a festa da Assunção da Virgem Santíssima e tornado ainda maior para o Patriarcado por ser dia de ordenações. E lá fomos caminho da Sé.

Sua Eminência entrou precedido pelo longo cortejo dos candidatos aos diversos graus de ordens. Começou a impressionante cerimónia pela tonsura culminando com a ordenação de 16 novos presbíteros: António de Sousa Beato, António Teixeira, David Pinho, Fernando José, Francisco Cosme, Francisco Monteiro, Helder, Humberto, João Farinha,

João Salvado, João de Almeida, José Eduardo, José Maria, José Poças, José Vieira Marques, e Miguel.

A colheita não foi má mas para as necessidades da Igreja lisbonense foi muito pequena.

Voltámos da Sé contentes e felizes, tínhamos assistido a um novo Pentecostes. Daqueles 16 colegas nossos de estudo e divertimento cada um era desde há momentos «alter Christus».

Sua Eminência veio almoçar connosco. À refeição o neo-presbítero António Teixeira esforçou-se por exprimir, embora, como afirmou, preferisse nada dizer, os sentimentos que lhe enchiam a alma bem como a dos seus colegas de ordens.

O Senhor Cardeal Patriarca, em breves palavras, uniu-se à alegria dos novos padres, terminando assim a grande festa das ordenações.

Trocaram-se abraços de despedida e cada um partiu para seu lado, mais forte para lutar durante o resto das férias.

D. MARQUES

Mais de 30 anos ao serviço da construção.

CHALLENGE

É a marca de garantia para a vedação hidrofuga e isolamento térmico de qualquer edifício ou templo.

Consulte sem compromisso os serviços técnicos da firma.

V. T. MARTINS

Rua da Prata, 59, 3.º Esq.
Telef. 23690 — LISBOA

FUNDADA EM 1756

"Cenáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Exa. Revma. o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

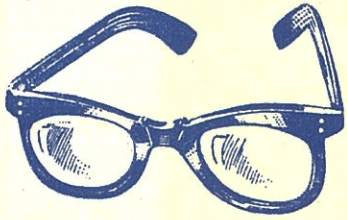
LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

DEFENDA A SUA VISTA

USANDO LENTES E ARMAÇÕES DE 1.ª QUALIDADE

CASA ESPECIALIZADA NA EXECUÇÃO DE RECEITAS MÉDICAS

ÓCULOS, ESTOJOS, LUPAS. BINÓCULOS, TERMÓMETROS. BARÓMETROS, ETC.



CONCEDEMOS O DESCONTO DE 40 % A TODO O EXMO. CLERO E FAMÍLIA

OPTICAL, LDA.

PORTAS DE STO. ANTÃO, 30 - 2º - TELEFONE 367762 - LISBOA

(ANTIGA RUA EUGÉNIO DOS SANTOS)

ORGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo

VATICANO

Casa Ruvina

RUA FORMOSA, 173 — PORTO

Cem anos!

Velas de Cardigos

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 - B. Baixa - CARDIGOS

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo Clero do Continente, Ilhas e Províncias Ultramarinas. Primeiros fabricantes das velas de Cardigos, cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Premiada em 7 exposições: 4 estrangeiras e 3 nacionais



M. d'Oliveira & Marques, L.da

Praça dos Restauradores, 13
Telef. 30876 - 366972 - **Lisboa**

SECÇÃO DOS TECIDOS PRETOS R. M.

- Tecidos para o Rev.º Clero e seminaristas
- Elasticotines — Sarjas — Tropicais — Casemiras — Merinos — Sobretudos
- Alfaiataria — Capas — Gabardines
- Condições especiais para Finalistas

SECÇÃO DE LIVRARIA

- Livros estrangeiros - Edições próprias
- Revistas estrangeiras: Lumen Vitae Foyer Notre Dame — Famille et College-Ecclesia-Panorama Chrétien, etc.
- Filmes fixos e de movimento: (Catequese — ensino — diversão)
- Máquina de escrever 'Antares Micron'
- Máquinas de Projecção

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

RUA DE S. TIAGO, 13 — LISBOA

C. Santos

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Revmo. Clero, e Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecóis e lanifícios de cor.

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHA